



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ROSELANE SILVA DA CRUZ

**EXPERIÊNCIAS PIBIDIANAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM TRÊS
ESCOLAS PÚBLICAS PARAIBANAS (2018/2019)**

**GUARABIRA
2022**

ROSELANE SILVA DA CRUZ

**EXPERIÊNCIAS PIBIDIANAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM TRÊS
ESCOLAS PÚBLICAS PARAIBANAS (2018/2019)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus Guarabira, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno

**GUARABIRA
2022**

C957e Cruz, Roselane Silva da.
Experiências pibidianas [manuscrito] : relato de experiência em três escolas públicas paraibanas (2018/2019) / Roselane Silva da Cruz. - 2022.
29 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno ,
Coordenação do Curso de História - CH."

1. PIBID. 2. Ensino de História. 3. Experiência pibidiana. I.

Título

21. ed. CDD 372.19

ROSELANE SILVA DA CRUZ

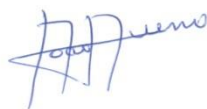
**EXPERIÊNCIAS PIBIDIANAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM TRÊS
ESCOLAS PÚBLICAS PARAIBANAS (2018/2019)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus Guarabira, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Área de concentração: Ensino de história.

Aprovada em: 01/04/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno(Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Luciana Calissi
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas
(Universidade Estadual da Paraíba/DH)

Ao meu pai, minha mãe e a minha irmã
Maria Clara, por todo amor, força,
amizade e companheirismo, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente sou grata ao meu Deus por me dá o sopro da vida, e me proporcionar a realização de sonhos.

Agradeço ao meu coordenador do PIBID e orientador João Batista Gonçalves Bueno por todo apoio e confiança.

Aos professores Manuela, Cristiano e Susel por toda amizade, conselhos e dedicação ao decorrer do curso.

Aos professores que foram supervisores no meu tempo como pibidiana; Guilherme, Paulo e Dora.

A todos meus colegas de curso que estiveram comigo nesses últimos anos.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) por me proporcionar a integração no do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência cuja foi crucial para minha formação em licenciatura.

“A educação é um ato de amor,
por isso um ato de coragem.”
- **Paulo Freire**

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Prédio da EMEF Henrique de Almeida.....	13
Figura 2 –	Ministração de aula pelo professor Guilherme.....	14
Figura 3 –	Atividade avaliativa com alunos da turma de 6º ano.....	16
Figura 4 –	Aula em forma de Quiz.....	19
Figura 5 –	1ª Mostra cultural África na Escola	22
Figura 6 –	Desfile Cívico em Araçagi-PB.....	22

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	APRENDIZADOS DE UMA BOLSISTA PIBIDIANA.....	12
2.1	Vivências na Escola Municipal de Ensino Fundamental Henrique de Almeida.....	13
2.2	Experimentação pedagógica no Centro Educacional Osmar De Aquino.....	16
2.3	Experiência pedagógica na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Rodrigues de Carvalho.....	19
3	METODOLOGIAS DESENVOLVIDAS NA ESCOLA	22
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	25
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
	REFERÊNCIAS	28

EXPERIÊNCIAS PIBIDIANAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM TRÊS ESCOLAS PÚBLICAS PARAIBANAS (2018/2019)

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar como foi a experiência em sala de aula por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Nele buscamos relacionar o que aprendemos no espaço acadêmico com a realidade do espaço escolar; nele são também discutidas atividades realizadas na sala de aula que foram fundamentadas a partir de questões discutidas nas reuniões do programa. Considerando, o aluno enquanto cidadão e agente de seu tempo. Desta forma, tivemos a oportunidade de nos depararmos com a realidade, e de analisarmos se a teoria condiz com a prática por meio de intervenções nas escolas e experimentações pedagógicas. Buscamos perceber em meio a essa experiência a importância do ensino de história, como objetivo de mudanças sociais nas diversas estruturas organizacionais da comunidade escolar. Com tudo, serão apresentados neste artigo reflexões, experiências e significados do programa, bem como alguns aspectos da fundamentação teórica, que foram a base da prática pedagógica nas três escolas participantes do programa.

Palavras Chave: PIBID. Ensino de História. Experiência pibidiana.

ABSTRATC

This article aims to present how was the experience in the classroom through the Institutional Program of Teaching Initiation Scholarships (PIBID). In this work, we seek to relate what we learn in the academic space with the reality of the school space; we also discuss activities carried out in the classroom that were based on issues discussed in the program meetings, considering the student as a citizen and agent of his time. Thus, we had the opportunity to face reality and to analyze whether the theory is consistent with practice through interventions in schools and pedagogical experiments. We seek to realize in the midst of this experience the importance of History teaching as an objective of social changes in the various organizational structures of the school community. Therefore, this article will present reflections, experiences and meanings of the program, as well as some aspects of the theoretical foundation, which were the basis of pedagogical practice in the three schools participating in the program.

Keywords: PIBID. History Teaching. Pibidean experience.

1 INTRODUÇÃO

Criado em 2007 e coordenado pela Diretoria de Educação Básica Presencial da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) oferece bolsas a graduandos de licenciatura para que eles se dediquem ao estágio nas escolas públicas. Os quais devem se comprometer com o exercício do magistério na rede pública tendo como objetivo de antecipar o vínculo entre os futuros professores e as salas de aula da rede pública. O PIBID também faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas); a escola e os sistemas estaduais e municipais; atuando no estímulo à docência entre estudantes de graduação e na valorização do magistério. ¹

O PIBID é um momento fundamental em meio ao processo de formação profissional. O nosso contato com a sala de aula em meio a essa experiência pedagógica deixou práticas que serão usadas ou não pelos profissionais de Licenciatura em História que estavam em formação naquele momento. Ele consiste numa fase de preparação do licenciando, assim buscando avaliar o desenvolvimento prático do docente. É nessa fase da vida acadêmica que temos o nosso primeiro contato com a sala de aula; nos aproximamos dos alunos e desenvolvemos vínculos afetivos – professor/aluno – que é primordial na construção do conhecimento dos envolvidos em tal processo.

O objetivo de apresentar essas experiências vivenciadas no PIBID é que essa vai ser a fase de realmente analisarmos se a teoria condiz com a prática, pois é a partir desse contato que se faz uso de todo conhecimento adquirido na universidade. Sabe-se que a prática escolar se faz no cotidiano, assim o professor diariamente trabalha de maneira empírica os seus assuntos a serem abordados em sala de aula. Com isso, será que a intervenção de graduandos em História da UEPB Campus III através do PIBID em escolas do ensino básico trouxe a relação mais enfática entre a teoria estudada na academia e a prática escolar trabalhada?

Nesse sentido, o nosso objetivo geral é: Refletir como os graduandos em História da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, através do PIBID em escolas do ensino básico, assim procurando compreender de que forma se relaciona de

maneira mais enfática a teoria estudada na academia pelos discentes de graduação e a prática docente na escola.

E os nossos objetivos específicos são: Analisar as vivências em sala de aula, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência, na escola Henrique de Almeida; descrever a experimentação pedagógica do projeto PIBID/HISTÓRIA no Centro Educacional Osmar de Aquino; e expressar a nossa intervenção pibidiana na escola Rodrigues de Carvalho.

Então se o licenciando está aprendendo a teoria naquela mesma fase que está na sala de aula, logo está sendo uma experiência que vincula a teoria com a prática, o que é essencial para qualquer graduando podendo ajudá-lo a decidir se é a profissão que ele quer seguir.

Por meio dessas experiências veremos alguns aprendizados de uma pibidiana(juntamente com seu grupo: Nicária, Nathan, Rodrigo, Janiele, Lourdimária, João Paulo, Vaniele e Eduarda.) que vivenciou toda essa realidade estando na graduação e em sala de aula. Vivenciando a importância do contato professor/aluno em escolas, atuando no PIBID desde os primeiros períodos do curso de Licenciatura em História. Este programa de formação de professores foi realizado em três escolas e cidades distintas com acompanhamento em sala de aula dos professores supervisores (Dora, Guilherme e Paulo)cujos tinham bastante experiência em sala de aula, tornando-se nossos guias nesse tempo de iniciação a docência e também com acompanhamento do coordenador de área do programa (João Bueno) o qual nos proporcionou um treinamento teórico com reuniões semanais na UEPB e nelas fomos instruídos como deveríamos atuar em sala de aula, desenvolver projetos, entre outros.

Desse modo, no capítulo seguinte temos uma breve descrição sobre o que é ser uma pibidiana, mostrando qual a função do PIBID na vida de um licenciando e a importância da junção teoria e prática enquanto ainda se está nos períodos iniciais do curso. No outro ponto, pode-se ver a experiência inicial no PIBID, ou seja, descreve-se o primeiro contato com a sala de aula enquanto iniciantes à docência, na primeira escola. Por conseguinte, descreve-se a experimentação pedagógica na segunda escola, a qual foi elaborada pelos pibidianos, e assim foi aplicado o projeto PIBID/HISTÓRIA. Após, evidenciamos a nossa primeira experiência no ensino

médio, na qual elaboramos aulas para alunos que logo prestaram a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) o que tornou a experiência mais emocionante e desafiadora.

No capítulo posterior veremos passo a passo a metodologia aplicada em sala de aula, tanto na observação das aulas ministradas pelos docentes-supervisores como também na metodologia usada em sala de aula pelos pibidianos. Em seguida, serão apresentados os resultados e discussões deste trabalho e, por fim, as considerações finais da pesquisa.

2 A TRAJETÓRIA DE UMA BOLSISTA PIBIDIANA

Segundo Freire (1997, p.25) “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, esta é uma boa definição para falar sobre o que é ser pibidiana. Ser pibidiana é estar em constante aprendizagem, saber discernir por onde começar e saber onde parar; saber que não sabemos tudo tendo também a aprender com nossos alunos e que cada um tem seu tempo e formas de linguagens diferentes para adquirir o conhecimento. Por isso é necessário o professor estar sempre preparado, pois vai lidar com diversidades no alunato, “[...] dar aula é uma ação complexa que exige domínio de vários saberes característicos e heterogêneos.” (BITTENCOURT, 2008 p.50)

Aprendemos tanto no curso de licenciatura, teorias valiosas que nos formam de dentro para fora, porém “[...] a teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade” (FREIRE, 1996, p. 25). Assim como Freire, também podemos afirmar que a partir do contato da teoria junto à prática é que teremos o conhecimento concreto, pois o conhecimento não se faz apenas em teoria, esta é apenas um manual que devemos seguir.

A função do PIBID é exatamente esta: modificar a realidade de um estudante de licenciatura nos anos iniciais do curso. Com isso, implantando-o em meio à educação básica para que tenha uma experiência real e significativa como professor, não permanecendo apenas na teoria como a maioria dos licenciandos que passam a ter o primeiro contato com a sala de aula nos estágios supervisionados que ocorrem já nos períodos finais do curso, e assim, muitos licenciandos acabam tendo um choque com a

realidade. “A Educação qualquer que seja ela é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática” (FREIRE, 1997, p. 32).

Logo sem a prática não temos o conhecimento completo, tendo um pequeno abismo que os separa, sendo necessário a experiência para a concretização de tal entendimento. Para viver essa experiência e concretizarmos a práxis, desenvolvemos o projeto PIBID/HISTÓRIA em três cidades distintas as quais foram descritas nos relatórios parciais do programa.

2.1 Vivências na Escola Municipal de Ensino Fundamental Henrique de Almeida

Na primeira escola, por nome Henrique de Almeida, que está localizada na cidade de Itapororoca-PB tivemos a oportunidade de conhecer e vivenciar experiências tendo contato com a realidade dos alunos. Fomos supervisionados pelo professor de História Guilherme Madruga, um dos docentes que compõem o corpo de funcionários do departamento da escola. Vemos abaixo uma fotografia da escola:

Figura 1 - Prédio da EMEF Henrique de Almeida



Fonte: Roselane Silva da Cruz.

As atividades do PIBID se desenvolveram de forma amigável na instituição. Ficamos responsáveis pela aplicação do projeto nas turmas do 6º ano, no turno da manhã. O trato com o professor supervisor se deu através da promoção de debates durante as aulas, interações com os alunos, criações de novas didáticas de atividades,

trazendo também temas além dos presentes no currículo escolar, possibilitando novos diálogos com os discentes. Algumas das ações ministradas serão descritas abaixo.

Como foi o nosso primeiro contato com a sala de aula, mantivemo-nos atentos e observadores para com o professor supervisor cujo ministrou a aula, da mesma forma para com o alunado. Logo após sermos apresentados, o Professor Guilherme iniciou uma aula expositiva, com o tema Grécia Antiga, de método tradicional, utilizando como recursos o livro didático e quadro assim como é mostrado na fotografia abaixo:

Figura 2 - Ministração de aula pelo professor Guilherme



Fonte: Roselane Silva da Cruz.

Em dado momento, um dos discentes em um instante de distração, iniciou batiques de um rap que versava da seguinte forma: “Mas eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci, e poder me orgulhar e ter a consciência que o pobre tem seu lugar” (CIDINHO E DOCA, 1995, n/p.).

Tomado como deixa, e relembrando de uma das reuniões que aconteceu na UEPB um pouco antes de irmos para a escola, os pibidianos que acompanhavam a aula iniciaram um pequeno debate transformando aquela música em ferramenta de ensino. Tais instrumentos “[...] complementam a apresentação dos "documentos" não escritos que podem ser transformados em materiais didáticos preciosos na construção do conhecimento histórico escolar” (BITTENCOURT, 2008, p.354) Indagando qual seria, afinal, o lugar do pobre em sociedade na visão de cada aluno.

Fizemos cada aluno refletir sobre a letra da música, e desenvolver de certa forma, um olhar crítico sobre aquela situação. E respondendo a questão que deixamos na aula: uns diziam que o lugar do pobre seria na favela, outros na periferia. Aprofundamos um pouco mais a questão histórica, dialogando com as turmas e explicando como se deu

início as favelas, fazendo uma ligação a questão do “fim da escravidão”, foi realizado também um breve diálogo com o tema inicial da aula - Grécia Antiga – o qual falamos sobre como era a escravidão na Grécia, assim que se tornou uma aula interessante e participativa a qual iniciou apenas expositiva.

Seguindo para próxima turma ainda nos mantendo observadores, o professor Guilherme deu seguimento ao conteúdo de Grécia Antiga focando em bases sociais e culturais da antiga civilização. Os alunos acompanharam a leitura pelo livro didático, em seguida o professor iniciou sua explanação teórica acerca do tema. A metodologia utilizada não permitiu muitas interações, com exceção de algumas perguntas endereçadas aos alunos, e aos estagiários (pibidianos) presentes.

Por conseguinte, em observação dos procedimentos ministrados. Pudemos perceber que iniciou-se o conteúdo de “Roma Antiga”, abordado o assunto em primeira instância por suas classes sociais e leitura pelo livro didático, como também, anotações no quadro de pontos mais relevantes do conteúdo. O professor terminou a leitura e começou a realizar algumas perguntas aos alunos acerca do tema recém abordado e alguns discentes chegaram a interagir na aula. Em seguida, as questões foram repassadas aos estagiários, além de sermos incumbidos de também questionarmos os alunos.

Nas demais aulas o professor seguiu com a mesma metodologia expositiva para ministrar aula, usando como principal e único instrumento de acesso o livro didático. E as aulas prosseguiram com a leitura dos assuntos. O professor fez um acordo com os pibidianos que elaboraram uma nova didática para a aplicação da prova bimestral que se aproximou. A oferta foi anunciada aos alunos, e coube a eles decidirem se escolheriam a nova proposta, que aconteceria em forma de debate, ou realizarem uma dissertação sobre o conteúdo trabalhado em sala. Os alunos optaram pela primeira opção por meio de uma votação, e logo após a aula voltou para seu curso natural.

No dia programado para apresentação das atividades, os estagiários cumprimentam os alunos e começaram a organizar as cadeiras em círculo – anteriormente dispostas em fila – e deram início ao debate que valeu como nota. Cada aluno ficou responsável por escolher um tópico do capítulo trabalhado anteriormente em sala, e escrever um pequeno resumo, que deveria ser entregue ao professor. A nota foi fracionada, ou seja, o

resumo entregue somou pontos, a participação e desempenho na discussão, o respeito quando o colega estivesse comentando, assim como a resolução de questões que formam levantadas pelos estagiários ou professor. Revisadas as regras a todos, iniciou-se a avaliação por ordem de disposição em sala. A maioria dos discentes optou por falar das classes sociais da Roma Antiga, tema que gerou algumas deixas para que os estagiários presentes utilizassem exemplos do cotidiano para exemplificar melhor o conteúdo. A paralisação dos escravizados na antiga civilização foi debatida com os alunos tomando por analogia as greves que mobilizaram o país. Outros discentes apresentaram acerca da fundação de Roma, pela perspectiva histórica ou mítica (figura 3). Alguns alunos não conseguiram falar sobre seus temas escolhidos, a maioria por timidez. Outros não trouxeram seus resumos, o que contribuiu negativamente na soma final das notas.

Figura 3 – Atividade avaliativa com alunos da turma do 6º ano



Fonte: Roselane Silva da Cruz.

2.2 Experimentação pedagógica no Centro Educacional Osmar De Aquino

O Centro Educacional Osmar de Aquino conhecido popularmente por CEOA se localiza na cidade de Guarabira-PB, foi a segunda escola que tivemos a oportunidade de vivenciar a experiência de iniciação à docência. Nossa interação ocorreu com turmas do 6º ao 8º ano e tivemos como supervisor o professor de história Paulo Roberto.

Desenvolvemos o projeto PIBID/HISTÓRIA orientado pelo coordenador de área nas reuniões de treinamento e instruções na UEPB, o projeto que teve como objetivo explicar as relações que a humanidade passou em diferentes tempos históricos, transformando a natureza a sua volta e estabelecendo diferentes relações a partir da concepção das relações de trabalho, e o uso de documentação histórica como o base

livro didático, no entanto, buscando outras ferramentas como alternativas metodológicas.

A atividade elaborada pelo grupo do PIBID propôs uma abordagem diferente da adotada em sala de aula até o presente momento; por meio de atividades diversas procuramos trabalhar com um elemento presente em diferentes momentos históricos, criando um eixo entre os demais grupos, que serão as relações de trabalho presentes em diferentes épocas e formas variadas, conciliando a temática do livro didático junto a temas de interesse do alunato.

Foram elaborados resumos dos capítulos do livro didático trabalhados em sala e enviados para os alunos através das redes sociais. Com isso, ganhamos mais tempo em sala de aula, pois os alunos só trabalhavam com o livro didático e tinham acesso apenas na escola, pois eram insuficientes para todas as turmas levarem para casa. Foi muito importante seguirmos com o uso do livro didático mesmo que usando resumos feitos por ele, pois sair totalmente do “tradicional”, ou seja, abolir o uso do livro didático, afetaria de certa forma a realidade das turmas, levando assim em consideração que:

[...] o entendimento de que muito do "tradicional" deve ser mantido, por que a prática escolar já comprovou que muitos conteúdos e métodos tradicionais são importantes para a formação dos alunos e não convém serem abolidas ou descartados em nome do novo. (BITTENCOURT, 2008, p. 229).

Sendo assim, optamos por manter o uso do livro, pois era uma ferramenta que já fazia parte do cotidiano do alunato. Então foram elaborados os resumos por meio do livro didático usando uma linguagem simples e de fácil compreensão para cada turma, também foram enviados links de vídeos para que eles assistissem e compreendessem melhor os assuntos trabalhados e a partir desses resumos lhes foi propostas a elaboração de mapas conceituais como atividades.

Conseguimos trabalhar em todas as turmas envolvendo o tema: trabalho, adaptando cada conteúdo e dando uma visibilidade melhor ao trabalho.

Relatando experiências na aplicação do projeto Pibid/história

Na primeira semana da aplicação do projeto, desenvolvemos as aulas nas turmas de 6º ao 8º ano. O tema trabalhado foi a concepção de tempo histórico. Os

pibidianos enviaram os resumos do livro didático para os alunos explicando os conceitos que seriam trabalhados, também foi enviado um link de um vídeo para que compreendessem melhor o assunto. Deixamos como atividades para os alunos a elaboração de mapas conceituais os quais tiveram que levá-los para a aula. Trabalhamos em sala como a história foi dividida em diferentes tempos históricos e separados a partir de diferentes configurações sociais que possuem certas particularidades em comum durante determinado período. Nem todos os alunos fizeram o mapa conceitual, mas participaram das aulas, sendo comentando, tirando dúvidas, entre outras.

Então na semana posterior demos continuidade ao projeto nas turmas de 6º ao 8º ano. Os pibidianos trabalharam uma revisão sobre o ofício do historiador, o que são fontes históricas? E o que é um documento histórico? Também foram enviados resumos para essas turmas com os pontos mencionados.

Nas turmas de 7º ano foi trabalhado o início da unidade 2 do livro didático que é sobre o mundo islâmico, abordamos o tema sobre o nascimento do islamismo e as práticas realizadas nessa religião. Fizemos uma comparação da religião islâmica com as outras religiões, apontando as suas principais diferenças. As turmas mostraram interesse e envolvimento na aula a respeito do tema discutido. Na turma do 8º ano, também foi usada a mesma metodologia e trabalhado também a unidade 2 do livro didático através dos resumos. O assunto trabalhado nessa turma foi às minas gerais e a mineração, explicamos usando alguns conceitos de como ocorrem esses trabalhos nas minas e o porque delas serem chamadas minas gerais, tendo participação e curiosidade dos alunos.

Na semana seguinte tentamos desenvolver uma aula um pouco diferente com as turmas de 7º e 8º ano. Os resumos foram enviados para eles e também foi requerido que elaborassem mapas conceituais para melhor entendimento dos assuntos ministrados na semana anterior. Também adicionamos novos tópicos ao assunto, um deles sobre a mulher no islã. A aula aconteceu em forma de jogo, e ocorreu de uma maneira bem dinâmica. Em cada sala, as turmas foram divididas em grupos, aplicamos um Quiz com perguntas elaboradas através dos resumos enviados a eles cujos que responderam: verdadeiro ou falso (figura 4). Como gratificação a equipe vencedora ganhou um brinde.

Figura 4 - Aula em forma de Quiz



Fonte: Roselane Silva da Cruz.

Na quarta semana os pibidianos trabalharam com todas as turmas uma introdução ao trabalho. Estávamos no mês de maio, e como esse mês foi o mês do trabalhador explicamos para eles o significado o termo “trabalho”, discutimos um pouco sobre as relações de trabalho, e também a diferença de emprego e trabalho. Foi abordado nas turmas o que faz um trabalhador e como é denominado. Discutimos também sobre a relação burguesia e proletariado, ministrando uma pequena introdução sobre processos trabalhistas envolvendo-os. Os alunos foram participantes nas aulas comentando sobre o trabalho dos seus pais e alguns do seu próprio trabalho (alguns alunos trabalhavam em um horário oposto a escola), foram aulas bastante produtivas e com bastante diálogo e interação da turma.

Para encerrar a aplicação do projeto, planejamos trabalhar com um vídeo chamado: “A invenção da infância”. Enviamos o link para os alunos, porém poucos assistiram. Mesmo que não tenham cumprido a atividade isso não foi considerado um problema. Então, na aula com a ajuda de alguns alunos explicamos o vídeo para turma construindo um mapa conceitual no quadro. Alguns alunos comentaram que seus pais se identificavam com os exemplos citados e se envolveram no assunto mesmo não tendo assistido o vídeo. E por fim, deixamos uma atividade para que levassem materiais e elaborassem na sala de aula cartazes sobre o trabalho infantil.

2.3 Experiência pedagógica na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Rodrigues de Carvalho

E para finalizar, fomos para última escola participante do PIBID, a escola Rodrigues de Carvalho que se localiza em uma cidade chamada Araçagi-PB. Tivemos pela primeira vez o contato com o Ensino Médio, as turmas beneficiadas pelo projeto foram turmas do 1º ao 3º ano. A docente responsável pela turma de história e

supervisora do programa, foi a professora Maria das Dores -Dora- que orientou que foi necessário durante todo o tempo que passamos na escola.

Experiências em sala de aula

Para iniciar nossa experiência desenvolvemos atividades na turma do 1º ano. Elaboramos as aulas a partir do livro didático, assim como a docente nos designou. Tiveram como tema: Roma Antiga e mostramos a diferença entre a república, monarquia e império. Utilizando o quadro e elaborando mapas conceituais explicamos as características de cada um dos governos e como chegaram ao fim, também entramos na religião ao falar do império romano conceituando a religião politeísta e a transição para o monoteísmo. Usamos uma metodologia expositiva e interativa procurando sempre fazer perguntas a turma, mantendo um diálogo para estabelecer um melhor vincularidade professor/aluno. .

Em outra semana, desenvolvemos a continuação do assunto da última aula. Nela foi trabalhado como ocorreu a decadência do império romano; a fundação de Constantinopla; e o império bizantino. Usando imagens exibidas no data show podemos mostrar aos alunos imagens de templos antigos construídos naquela época o que nos levou a entrar um pouco na história da arte. Os alunos mostraram-se curiosos a respeito daquelas construções de catedrais antigas e suas pinturas, o que gerou alguns diálogos na aula. E para fechar a aula com “chave de ouro” exibimos um vídeo sobre a fundação de Constantinopla.

Na semana de emancipação política da cidade preparamos algo diferente para a aula da turma do 2º ano. Fizemos algumas pesquisas sobre a história da cidade descobrimos que existia a muito tempo, tráfico de travestis. Então pedimos autorização a docente em sala para discutir o tema com as turmas. Iniciamos a aula falando um pouco da cidade e a história que todos já conheciam, porém com o decorrer da aula iniciamos uma pequena discussão sobre esse acontecimento -tráfico de travestis - cujos alunos não tinham conhecimento mesmo sendo um fato histórico ocorrido na cidade. Entramos um pouco no presente e explicamos os termos que surgiram relacionados aos LGBT's e o porquê essa denominação. Foi uma aula bastante dialogada entre a turma e com grande construção de conhecimento a respeito do tema cujos adentramos nele, pois está relacionada a fundação da própria cidade.

Em outro momento foi ministrada a aula na turma do 3º ano cujo trabalhamos o tema: “A descolonização da África”, um dos conteúdos curricular conforme a lei 10.639/03 que o tornou obrigatório o ensino de história da África e cultura afro-brasileira na educação básica. O objetivo da aula foi sair do Eurocentrismo apresentando o ponto de vista Afrocentrismo, dando ao aluno uma oportunidade de conhecer parte da sua história como afro-brasileiros, sendo agentes da sua história ao reconhecer-se etnicamente e perceber que sua história é parte ou está inserida na história do Brasil. Ao debater sobre o Continente Africano pressupomos ter despertado o desejo do alunado por novos estudos sobre a história da África e cultura Afro-Brasileira. Usados para elaboração da aula o livro didático e livro educação e mudança de Paulo Freire.

Posteriormente na mesma turma do 3º ano foi desenvolvida mais uma aula pelos pibidianos, dessa vez, o tema trabalhado foi: O governo JK. Apresentamos pontos caracteres do seu governo contando sua trajetória de como ele chegou à presidência da República. Realizamos algumas discussões sobre a construção de Brasília e todo o avanço tecnológico ocorrido na década de 50. A classe trabalhadora responsável pelo trabalho duro na construção de Brasília também entrou no contexto da aula. Construimos no quadro um mapa conceitual para melhor entendimento da turma que se manteve atenta e participativa a cada detalhe.

Em alguns momentos do nosso tempo de participação do programa na escola Rodrigues de Carvalho, também participamos como ouvintes em algumas aulas ministradas pela professora supervisora Maria das Dores – Dora – que sempre usou uma metodologia totalmente tradicional nas aulas. Em um desses dias, ela ministrou uma aula na turma do 2º ano sobre a Revolução Francesa, usando a lousa e transcrevendo um resumo do livro didático, depois elaborou – novamente na lousa – uma atividade servindo de revisão para uma avaliação que seria aplicada na aula posterior. A aula foi totalmente expositiva, sem participação do aluno em discussões que apenas transcrevia no caderno o assunto transmitido.

Existe uma ligação entre o método tradicional e o uso de lousa, giz e livro didático: o aluno, em decorrência da utilização desse material, o aluno recebe de maneira passiva uma carga de informações que, por sua vez, passam a ser repetida mecanicamente de forma oral ou por escrito com base naquilo que foi

copiado no caderno ou respondido nos exercícios propostos pelos livros.(BITTENCOURT, 2008, p. 226-227).

Além das aulas também houve participação dos pibidianos em eventos ocorridos na escola, um deles foi a inauguração da nova biblioteca, no mesmo evento aconteceram apresentações culturais de danças, cantos e também inclusão social com apresentação de música em libras realizada pelos próprios alunos da escola. Participamos também do evento: 1ª Mostra cultural África na Escola, que ocorreu na semana da consciência negra. Neste dia ocorreram diversas apresentações e exposições culturais, assim como apresentado na (figura 5) a seguir:

Figura 5 - 1ª Mostra cultural África na Escola



Fonte: Roselane Silva da Cruz, 2019.

Houve também Participação no desfile Cívico da Cidade, os pibidianos foram convidados pela escola para compor o pelotão: Construindo conhecimentos e compartilhando saberes assim como exposto na (figura 6):

Figura 6 - Desfile Cívico em Araçagi-PB



Fonte: Professora Maria das Dores Fonseca, 2019.

3 METODOLOGIAS DESENVOLVIDAS NA ESCOLA

A experiência no PIBID foi concretizada nas três escolas citadas anteriormente, ambas com realidades distintas. Os experimentos nelas realizados deram ênfase à pesquisa na qual foi realizada a conexão entre teoria e a prática.

A despeito dos métodos analisados durante o período inicial do programa, observou-se que o docente responsável pelas turmas de 6º ano fez uso exclusivamente do livro didático e quadro. As aulas seguiram o cronograma de conteúdo do currículo escolar, contudo, a principal – se não a única – fonte de pesquisa que o professor utilizou para promover suas explanações em sala foi o livro didático. De nenhuma forma devemos ignorar essa ferramenta, contudo, por trazer discussões por vezes resumidas, os assuntos acabavam sendo ministrados de maneira pouco elaborada e simplista para os alunos, deixando algumas lacunas.

A maneira com que as aulas foram conduzidas seguiu a linha pedagógica tradicional, fazendo do professor o ator principal e figura detentora de um conhecimento “superior”. As desvantagens observadas nesse tipo de abordagem foram justamente a não relevância da voz do aluno enquanto sujeito pensante. Percebe-se que as questões levantadas em sala foram realizadas apenas com o objetivo de auxílio na fixação dos conteúdos apresentados. Esse tipo de abordagem metodológica não considera como primordial a formação de um senso crítico no aluno, mas sim, a distribuição de informações. Sendo assim, vemos que os discentes assumiram um papel de passividade na maneira como o professor ministrava as suas atividades.

As avaliações observadas em sala seguiam a mesma linha tradicional das aulas. Essas ocorriam, majoritariamente, sem pesquisa, visando à resolução de questões. Em alguns casos, passavam-se atividades com direito a consulta no livro didático e anotações no caderno. A equipe de pibidianos propôs um método alternativo de avaliação bimestral – já descrito anteriormente – que visava um incentivo a oralidade dos alunos, além de estimular que realizassem pesquisas com fontes alternativas, a julgar que deveriam trazer resumos, além de buscar trabalhar a timidez da turma, característica que mostrou ser muito presente. O resultado final dessa proposta mostrou-se parcialmente eficaz.

Os alunos que já possuíam alguma facilidade em falar para o público conseguiram apresentar suas considerações no debate, os que tinham dificuldades

precisaram de mais atenção e estímulo, o que acabou tomando bastante tempo de aula. Outro ponto foi às questões do resumo, muitos fizeram a pesquisa com temas que os agradavam, mas uma parte da turma não trouxe, o que também dificultou na hora de avaliar. Esse debate avaliativo se mostrou um meio produtivo de incentivar os alunos a melhorarem as suas posturas ao falarem em público e fazer com que os discentes mais reservados ou até “excluídos” participassem da aula de alguma forma. Como definidor de notas não foi tão eficaz por conta de todas as problemáticas apresentadas acima, contudo, vale ressaltar sua importância ativa se utilizado como forma de melhorar a dinâmica da turma e potencializar a capacidade dos alunos.

Na segunda escola, observamos que o professor supervisor do PIBID também seguia a mesma linha de ensino do professor da primeira escola – como já citada, uma metodologia tradicional. Então os pibidianos desenvolveram um projeto com uma abordagem diferente da adotada pelos docentes.

A metodologia proposta pelo grupo buscou uma alternativa aos padrões regulares do sistema escolar, que consiste nas cópias e sínteses dos textos presentes nos livros didáticos, avaliados em um sistema único em formato de provas. Propondo outras formas de desenvolver o aprendizado dos alunos por meio de aulas lúdicas, reorganizando de acordo com a atividade, e elaborando jogos e dinâmicas de pensamento para exemplificar os assuntos debatidos em aula. Assim, produzindo conteúdos a serem lidos em casa como mapas mentais, como forma de estudo e de explicação do conteúdo do livro didático, e fora dele, buscando ambientar a explicação e as atividades ao momento histórico trabalhado por meio de conceitos atuais.

A partir da proposta deste projeto fizemos algumas alterações em como as aulas foram dadas, testando uma nova metodologia, que funcionou da seguinte forma: A leitura do texto que seria trabalhado em aula deveria ser feita durante o final de semana, em casa. Não seria passado texto na lousa em sala de aula, apenas anotações para auxiliar nas apresentações. Ao final da leitura deveria ser produzido por cada aluno um resumo no caderno com suas palavras, sobre o conteúdo do texto. Cada resumo elaborado receberia o visto em aula, contando como parte da nota do segundo bimestre. Durante a aula seriam apresentadas propostas diferentes, dinâmicas e rodas de debates sobre o tema estudado, portanto, foi extremamente importante a colaboração de todos os alunos.

O sistema de avaliação foi continuada, ou seja, toda aula e atividade desenvolvida, até a própria participação, valeria nota. A nota do semestre foi dividida em: atividade para casa (leitura e produção de resumo), participação em aula e prova.

A terceira e última escola a participar do programa foi a que tivemos menos tempo de interação com as turmas, porém de forma alguma, a experiência na escola foi considerada menos importante que as anteriores. Por tratar-se de uma escola de ensino médio – diferente das demais – tornou-se uma experiência única e enriquecedora, a maioria dos alunos já se preparava para o Enem o que tornou nossa participação mais desafiadora e emocionante.

Seguimos a metodologia instruída pela docente que também se mostrou tradicional, porém nas aulas elaboradas – além do livro didático, assim designado pela docente – também fizemos o uso da lousa, a qual não copiamos textos, mas usamos conceitos para explicar os conteúdos citados anteriormente no relato de experiência. Porém, não nos detemos somente a esses métodos e materiais, mas procuramos usar também algumas metodologias inovadoras, utilizando assim materiais que a escola proporcionou como: datashow e caixa de som, nos dando a oportunidade de trabalhar com apresentação de slides, utilizando fotografias, vídeos com os quais as aulas se tornaram mais participativas, sendo desenvolvidos diálogos sobre as temáticas trabalhadas.

Dadas as metodologias expostas, percebe-se que nas escolas citadas mesmo em cidades e realidades diferentes ambos docentes destinam-se a seguir uma metodologia totalmente tradicional não que seja um problema ser tradicional, pois como já citado o tradicional é um método já testado e comprovado que dá certo, o problema é prender-se a penas ao livro didático e lousa deixando de lado métodos inovadores e não procurando ouvir a alunado. Para inovar e tentar mudar um pouco essa realidade utilizamos os métodos citados para dar desenvolvimento ao projeto PIBID/HISTÓRIA e também ser uma canal colaborativo para formação do aluno, desenvolvendo um cidadão crítico e pensante e participativo. Como resultado, contribuimos como docentes na formação cidadã e escolar do alunado abordado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ressultamos que o PIBID determina que essa etapa deve proporcionar ao licenciando uma complementação do ensino, integrando um treinamento prático,

considerando o estágio curricular, uma aprendizagem prática, social, profissional e cultural, proporcionada e coordenada a estudantes pelas instituições de ensino, por isso, que este procedimento é uma atividade de competência da instituição que decide sobre a matéria, participando pessoas jurídicas de direito público e privado, que oferecerão a oportunidade de campos de estágio, colaborando no processo educativo.

Em 1998, com a Nova LDB, (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e com o Boletim IOB, (Informações Objetivas – 40/93), pode-se realizar o estágio em duas situações: remunerado (o estudante podendo o realizar nas dependências da instituição que já trabalha, mediante comunicação prévia para formalizar o estágio junto ao ministério do trabalho), ou não remunerado (quando o estagiário apenas utiliza uma instituição como campo de aprendizado profissional, tendo estas também documentações com os termos de responsabilidade e desvinculação trabalhista).

A finalidade do PIBID é proporcionar a complementação do ensino na forma prática, proporcionando a este treinamento experimentado e aperfeiçoamento metodológico dentro das condições e dificuldades diárias no campo de trabalho pretendido pelo licenciando. Como pressuposto de aprendizagem, tentou-se desenvolver no PIBID a força motivadora de uma situação-problema que foi analisada criticamente, envolvendo o exercício da abstração, pelo qual se procura alcançar, por meio de representações de uma realidade concreta.

Os educadores devem buscar constantemente uma melhoria na qualidade do ensino. Partindo desta concepção, entendemos que repensar a ação docente é um desafio cotidiano, principalmente quando se almeja formar um aluno cidadão, ético, criativo consciente, crítico e também atuante na sociedade em que vive. Esse desafio se intensifica diante das rápidas e profundas transformações nos mais variados setores da vida contemporânea, acelerando a produção e disseminação de novos produtos e informações.

Desta forma, a docência definiu-se como uma atividade profissional e de alta responsabilidade social e política, levando em consideração que a formação do educador requer muito compromisso e competência. Com tudo, o cenário educacional denuncia muitas dicotomias existentes na prática educativa, as quais comprometem o alcance dos objetivos mais amplos da educação, principalmente quando se deseja uma educação para que forme um cidadão consciente e pensante, almejando uma transformação de qualidade na sociedade. Então, constitui-se observável que em nossa formação, entre

seus elementos de estudo, vemos os problemas das escolas públicas do ensino fundamental e médio, ou seja, a relação ensino e pesquisa foram privilegiadas em relação a teoria e prática.

Os programas curriculares de ensino de História elaborados no Brasil a partir da década de 1970 voltaram-se para a formação de cidadãos críticos, capazes de compreender, interagir e intervir na realidade social. A inovação pautou-se na insistência dos especialistas sobre a importância da produção do conhecimento histórico na escola e da orientação para a compreensão da cidadania no mundo contemporâneo. Nas décadas seguintes, os professores se conscientizaram acerca do repertório de um saber docente que lhes pertence por ofício. A experiência docente é percebida como elemento de formação capaz de valorizar a função dos saberes práticos e teóricos, assim também como outros saberes.

Dessa forma, os cursos de Licenciatura Plena em História deveriam priorizar o estágio na formação docente por meio da concepção de história do professor, também da compreensão de ensino e aprendizagem, da escola, da disciplina de História e da interdisciplinaridade e do contexto sócio cultural dos alunos. De acordo com a realidade de origem dos estagiários, nos últimos tempos, propomos como atividade a organização de oficinas de produção de recursos didáticos. O PIBID é formado por três momentos: o primeiro é teórico quando são revisados os conceitos e temáticas a serem abordados; o segundo é a elaboração orientada do projeto; o terceiro é a aplicação prática – é o momento de intervenção na realidade local / regional. Os resultados dessas experiências profícuas têm dado um novo sentido à prática educacional desenvolvida no campo escolar, especificamente nos anos de ensino fundamental.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência é de fundamental e de grande importância na formação do docente por proporcionar um contato com a realidade dentro da sala de aula permitindo que o licenciando coloque em prática os conhecimentos acadêmicos. O PIBID contribui para a formação dos professores do futuro, fazendo com que estes compreendam todo contexto social e cultural em que fazem parte no exercício de sua profissão. Ter essa compreensão foi desafiador e também enriquecedor, desenvolvendo também o vínculo professor-aluno em meia a essa experiência nas escolas.

Exposta nossa experiência, acreditamos que todo licenciando deveria ter a oportunidade de passar por ela e ter esse tempo de iniciação a docência em meio aos anos iniciais do curso. Nossa prática escolar ampliou aquilo que antes era apenas teoria complementando a práxis e deixando marcas que permanecerão com os futuros docentes durante toda a carreira.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia. Ensino Fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

CORAZZA, Sandra Mara (org.). **Planejamento de ensino como estratégia de política cultura.** São Paulo: Papyrus, 1997.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Ed. Paz e Terra (coleção leitura), 1996. P. 25.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. In: ALVES, Nilda (org.) **Formação de professores: pensar e fazer.** São Paulo: Cortez, 1992. P.25,53-71.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e práticas de ensino de história:** Experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio de docência:** Cortez, 2014.

¹ PIBID Apresentação - disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pibid>